

# **TEIXEIRA DE PASCOAES E «O PENITENTE (CAMILO CASTELO BRANCO)»**

Carlos Mota

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Quinta do Prado, Vila Real, 5000

(351) 259350701 | [sautad@utad.pt](mailto:sautad@utad.pt)

**Resumo:** Neste texto trata-se a obra «O Penitente (Camilo Castelo Branco)» de Teixeira de Pascoaes, nas suas vertentes poética e filosófica.

**Palavras-chave:** poesia, literatura, filosofia.

**Abstract:** This text is a description of the book «O Penitente (Camilo Castelo Branco)» by Teixeira de Pascoaes, on their poetic and philosophical aspects.

**Key words:** poetry, literature, philosophy.

Teixeira de Pascoaes escreve uma «biografia poética» de Camilo Castelo Branco, como fez a propósito de outras figuras que, por razões diversas, o interessaram e fascinaram. À obra dedicada a S. Paulo, datada de 1932, seguiram-se S. Jerónimo (1936), Napoleão (1940) e O Penitente (Camilo Castelo Branco) de 1942.

Refere que foi iniciado na obra de Camilo por sua mãe que tinha essa obra à cabeceira. Para ele, Camilo é «Mestre da Língua, pedagogo e poeta» Refere que Camilo é monólogo e Cervantes diálogo. Camilo fala só. Acrescenta que seu pai conheceu Camilo no Porto, sendo, para ele, «um autor sagrado». <sup>1</sup>

Pascoaes, homem de paixões, afirma que ama Camilo por ele se ter entregado à sua obra como as crianças aos seus brinquedos, fazendo assim viver nas suas mãos os bonecos. Admira em Camilo o excesso de sensibilidade «porque o instinto da morte é que o provoca, como lhe provocará o suicídio» <sup>2</sup> Há em Pascoaes referências recorrentes à Psicanálise (a influência da obra de Carl Gustav Jung é, como já vimos, reconhecida); aqui, parece mais uma influência de Freud que falou do impulso de vida (Eros) oposto ao impulso de morte (Tanatos). Camilo viveu um martírio voluptuoso. «No homem tudo se torna monstruoso ou fabuloso (...)» <sup>3</sup> Camilo é filho da mulher, da paisagem e da arte – esta última uma manifestação humana. Na parte final desta obra, Pascoaes diz ter escrito sobre o «drama camiliano», tratando-se de um enamorado e solitário.

«Mas o espectro de Camilo, quando fala, entre é que nós ouvimos o escritor: se Deus não existe, a crença dos homens fará tremer o nada.» <sup>4</sup>

Pascoaes parece muitas vezes fascinado, quase obstinado pela problemática religiosa, que trata de forma não ortodoxa. Para ele o Catolicismo era um desvio pagão do Cristianismo, mas escreveu poesia sobre Satã que cuida do Inferno com desvelo incluindo na sua descrição almas de bebés. Pascoaes vive intensamente a questão religiosa e não parece indiferente a ela nem ateu, mas sim interessado em abordá-la de uma forma crítica, roçando o grotesco, a caricatura, como quando fala na confusão de populares que tomam uma dama pelo Bispo de Lamego. <sup>5</sup>

A sua postura face à religiosidade parece ser de um cinismo constante, e refere «viúvas de certa idade, como as velhas solteiras, ressentidas de ingrato amor,

---

<sup>1</sup> T. Pascoaes, O Penitente, Assírio e Alvim, 1982, p.25.

<sup>2</sup> Op. Cit., p.34

<sup>3</sup> Op. Cit., p.34

<sup>4</sup> Op. Cit., p.43

<sup>5</sup> Op. Cit., p.43

empedernem numa atitude agra, hostil, devotada a Deus por ódio aos homens e às mulheres. Limpas nos seus atos, toda a porcaria do mal se lhes concentra no pensamento.»<sup>6</sup> A visão Pascoalina da religiosidade popular não seria hoje (nem no seu tempo) politicamente correta: «o padre António (...) tem outra compreensão do pecado: é homem.»<sup>7</sup>

A Samardã foi Portugal para Camilo, tal como D<sup>a</sup> Rita a sociedade.<sup>8</sup> Fala de Camilo e Eça como representantes das feições Ibéricas «entre o Visigótico e o Árabe, o loiro e o moreno, para cá duma turba de negroides fugidos ao dilúvio.»<sup>9</sup> A sedução carnal é efémera. Perdura em forma espectral e volta a ressurgir.<sup>10</sup>

Como escritor, Camilo é masculino. Pascoaes cita Junqueiro que lembra «não haver uma árvore na obra camiliana nem mulheres (acrescenta Pascoaes), porque a mulher nem ama nem se mata. Nasceu para ser amada e vivida, ou antes, para ser amor e vida no coração do homem.»<sup>11</sup>

A análise Pascoalina, como se vê, não se quer científica, mas poética, porque quer ser descrição emocional. Será belo e poético dizer que «a mulher não ama nem se mata» mas não é o que nós – seres comuns, fora da genialidade de Pascoaes – podemos experienciar. Tal como Camilo, também Pascoaes parece anárquico.

«Há duas mulheres na sua fantasia, porque há nele dois homens, o de Lineu e o da Fábula. Sim, há duas mulheres, a fêmea e a donzela, o anjo imaterial, a beleza pura (...) temos Fanny, toda lírio e Ana Plácido, toda rosa carnal desabrochada, num baile portuense.»<sup>12</sup>

Para Pascoaes, faz-se uma descrição estética em termos de «valores positivos-negativos». «Quem não é belo e feio? Até Deus é e não é (...)»<sup>13</sup> Acrescenta, numa aparente referência a Fernando Pessoa: «não somos apenas mortos que ainda vivem.»<sup>14</sup> A vida de Camilo é «um conflito entre o ser amado e o amar, o morrer e o matar-se (...) Só vive quem ama; e, por isso, a mulher não vive, mas é vivida.»<sup>15</sup>

---

<sup>6</sup> Op. Cit., p.45

<sup>7</sup> Op. Cit., p.45

<sup>8</sup> Op. Cit., p. 47

<sup>9</sup> Op. Cit., pp. 48-49

<sup>10</sup> Op. Cit., p. 51.

<sup>11</sup> Idem, p.53

<sup>12</sup> Idem, p.57

<sup>13</sup> Idem, p.57.

<sup>14</sup> Idem, p.62

<sup>15</sup> Idem, p.65

No dia 30 de Outubro de 1843 matricula-se Camilo na Academia Politécnica do Porto. «Em 1844 matriculou-se em Anatomia, na Escola Médica do Porto. Retalha cadáveres com intuitos metafísicos: descobrir o lugar da alma, o ninho daquela ave (...)»<sup>16</sup> No temperamento sensual e elegíaco (lusitano) de Camilo, há uma tendência idealizante, de natureza poética. Sem ela, seria apenas um escritor.»<sup>17</sup>

Maria do Adro morreu e reencarnaria, mais tarde em Fanny, tendo sido, segundo Pascoaes, o único amor de Camilo.<sup>18</sup>

Exuma Maria do Adro com a ajuda de um primo porque, «o que ele ama realmente é a morte.»<sup>19</sup>

Para Pascoaes, «matamo-nos amando a vida e morremos odiando a morte. Representamos o drama humano, perante as árvores e os penedos. As bestas fogem de nós... horrorizadas.»<sup>20</sup>

Pascoaes refere a revolta conhecida por Maria da Fonte durante a qual Camilo «discursa e se diverte.»<sup>21</sup>

Vai estudar para Coimbra em 1845. Teixeira de Pascoaes entende que passar do Porto para Coimbra era como «subir de Comendador de D. Maria II a Conde de D. Dinis.»<sup>22</sup>

Não adere à guerrilha Miguelista quando as aulas são encerradas na Universidade de Coimbra em 1846. Aos vinte anos escreve o primeiro drama “Agostinho de Ceuta.”<sup>23</sup> Camilo admirava o poeta Byron, como refere Pascoaes várias vezes.

O autor considera que as mulheres, na escrita de Camilo, amam como se fossem homens. «Aí reside o segredo da sua enorme popularidade.»<sup>24</sup>

Camilo é comparado com Oliveira Martins, António Nobre, Antero (retratados como angustiados) e Soares dos Reis ou Eça «que baixou sério ao túmulo e sem monóculo.»<sup>25</sup> Para Pascoaes «Herculano e Castilho não valem Garrett e o Garrett não vale o Camilo (...).»<sup>26</sup>

---

<sup>16</sup> Idem, p.68

<sup>17</sup> Idem, p.69

<sup>18</sup> Idem, p.69

<sup>19</sup> Idem, p.72

<sup>20</sup> Idem, p.74

<sup>21</sup> Idem, p.81

<sup>22</sup> Idem, p.83

<sup>23</sup> Idem, p.85

<sup>24</sup> Idem, p.93

<sup>25</sup> Idem, p.94

<sup>26</sup> Idem, p.94

Há duas sombras que não deixam Camilo: «a dum triste desnortado atrás de Ana Plácido, jovem esposa dum velho brasileiro, e a da Fanny que o ilumina (...)»<sup>27</sup> Ana Plácido deseja ser amante de Camilo «o supremo romancista do doido amor.»<sup>28</sup>

«Ana Plácido é gorda (...) mas atacada de romantismo delirante. (...) O escândalo rebenta no Porto.»<sup>29</sup> Fogem para Lisboa que «recebe com admiração os dois heróis das letras e do amor.»<sup>30</sup>

«O público adora o escândalo, malsinando os escandalosos, louva as pessoas que despreza, insurge-se contra aqueles que admira.»<sup>31</sup> A 26 de março de 1860, Ana Plácido desloca-se para o Porto, para a cadeia, sem a companhia de Camilo que fica em Lisboa.<sup>32</sup> No dia 1 de outubro de 1860, Camilo entra na prisão.<sup>33</sup> É assim que escreve «Amor de Perdição» e outros textos publicados sob o título «Memórias do Cárcere.»<sup>34</sup> Conhece presos como Zé do Telhado e é visitado, tal como Ana Plácido, em dezembro de 1860, pelo rei D. Pedro V.<sup>35</sup>

O rei voltará a visitá-lo em agosto de 1861. «No dia 15 de outubro de 1861 é o julgamento dos dois mártires do amor livre.»<sup>36</sup> Ambos foram absolvidos.

Em 1864 Camilo vai viver com Ana Plácido, na casa do falecido marido. Têm dois filhos ilegítimos.

Camilo é um poeta religioso, sintetiza Pascoaes.<sup>37</sup>

## Conclusões

Na análise a esta obra de Teixeira de Pascoaes usam-se quase exclusivamente trechos da sua própria escrita.

Pascoaes segue uma antropologia Junguiana e poética e, como refere António Pedro de Vasconcelos na apresentação à mesma, «não interessa polemizar sobre uma obra que no plano filosófico se abre a um infinito de interpretações.»<sup>38</sup>

---

<sup>27</sup> Idem, p.115

<sup>28</sup> Idem, p.126

<sup>29</sup> Idem, p.127

<sup>30</sup> Idem, p.128

<sup>31</sup> Idem, p.130

<sup>32</sup> Idem, p.134

<sup>33</sup> Idem, p.145-146

<sup>34</sup> Idem, p.146

<sup>35</sup> Idem, p.147

<sup>36</sup> Idem, p.152

<sup>37</sup> Idem, p.169

<sup>38</sup> Op. Cit, p 15

Não se trata de «uma biografia completa e muito menos uma crítica literária. Da vida e da obra de Camilo aproveitei apenas o que constitui o drama Camiliano, profundamente humano ou religioso. O que há de interessante, num escritor é a sua atitude metafísica. Preocupa-nos o Além, porque todos habitamos numa região exterior ao mundo, na região das sombras e dos sonhos.»<sup>39</sup>

A antropologia Pascoalina discute com irreverência o papel da religião e do Catolicismo em particular, mas, precisamente porque Pascoaes crê na interpretação da psique pelo inconsciente coletivo, não pode ignorar essa componente essencial da «Alma Lusitana» ou melhor do «Homem Ocidental» que é o Cristianismo, na Ibéria representada pelo Cristianismo Católico, embora para ele os Iberos sejam «a raça mais anti-helénica da Europa.»

Carl Gustav Jung diz com clareza que «devemos afirmar que o inconsciente contém, não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob a forma de categorias herdadas ou arquétipos.

Já propus antes a hipótese de que o inconsciente, em seus níveis mais profundos, possui conteúdos coletivos em estado relativamente ativo; por isso o designei inconsciente coletivo.»<sup>40</sup>

São os traços contraditórios, desde os fisionómicos aos referentes ao pensamento e ações, a constante inconsciente paradoxal que melhor define o Português, e os «heróis» como Camilo, são aqueles nos quais os traços arquetípicos emergem de maneira mais clara e vincada, exercendo depois influência no meio em redor.

## **Bibliografia**

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, artigo referente a Teixeira de Pascoais, tomo 31, Editora Enciclopédia, Lisboa/Rio de Janeiro, p.53-56.

Jung, Carl Gustav, O eu e o inconsciente, Vozes, Rio de Janeiro, 1991.

Pascoaes, Teixeira de, O Penitente (Camilo Castelo Branco), Assírio e Alvim, Lisboa, 2002.

Vasconcelos, António Pedro, Apresentação de O Penitente (Camilo Castelo Branco), Assírio e Alvim, Lisboa, 2002.

---

<sup>39</sup> Op. Cit, p 201

<sup>40</sup> Jung, Carl Gustav, «O eu e o inconsciente», Vozes, Rio de Janeiro, 1991, p. 24.